



# EDITORIAL

Este volume da *Revista Brasileira de Música*, sob o eixo temático “Religiosidade e secularização”, trata da produção e recepção de gêneros musicais em contextos litúrgicos e seculares, a permanente resignificação da função social da música, desde as tradições ibéricas e luso-brasileiras no período colonial até o redirecionamento para os modelos cosmopolitas europeus, especialmente no período de transição da Monarquia à República no Brasil. Incita o olhar para a relação de reciprocidade entre música religiosa comprometida com os afetos seculares e a música secular comprometida com afetos religiosos.

O artigo de abertura, de Rui Cabral Lopes (Universidade Complutense de Madri, Espanha e Universidade Nova de Lisboa, Portugal) aborda as fontes mais importantes dos vilancicos que se cantaram na Capela Real portuguesa – localizados atualmente na Biblioteca Nacional de Lisboa, Portugal e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil – e trata da forte presença desse gênero na vida musical portuguesa no século XVII e inícios do século XVIII, considerando a interdependência entre sociedade, religião e poder real. Régis Duprat (Universidade de São Paulo) oferece uma reflexão historiográfica e uma crítica estilística da música luso-brasileira, entrecruzando problemas associados às especificidades da documentação musical, as hipóteses implícitas na “revolução notacional” e os pressupostos ontológicos que fundam os textos litúrgicos cujo caráter condiciona uma sintaxe musical vis-à-vis técnicas composicionais e apropriação de estilos musicais.

Os cinco artigos seguintes oferecem um panorama de diversas regiões do Brasil em períodos históricos subsequentes: Mary Angela Biason (Museu da Inconfidência de Ouro Preto) trata dos festejos pelo malogro do movimento conspiratório em três vilas de Minas Gerais – Vila Rica, São João del Rei e Sabará – no contexto do calendário oficial cívico e religioso do Brasil Colônia e do sistema de contratação dos serviços musicais. Marshal Gaioso Pinto (Instituto Federal de Goiás) aborda o papel da música das irmandades na sociedade de Goiás com base em documentos dos séculos XVIII e XIX. Paulo Augusto Soares (Procuradoria Geral do Estado de São Paulo) e Edilson Vicente de Lima (Universidade Federal de Ouro Preto) apresentam um estudo estilístico sobre compositor português e mestre-de-capela de São Paulo, André da Silva Gomes, discutindo os procedimentos composicionais nas soluções de expressividade musical dos textos litúrgicos, tirando partido dos diferentes estilos musicais vigentes em sua época, à luz do seu tratado de contraponto. Thiago Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro) discute a obra sacra de compositores



brasileiros desde o século XIX e primeiras décadas do século XX, incluídos José Maurício Nunes Garcia, Henrique Oswald, Alberto Nepomuceno e Francisco Braga nos diversos contextos instaurados por conjunturas institucionais, políticas, religiosas e por correntes estéticas e estilísticas, desde a influência do estilo profano da ópera na música religiosa até do pensamento reformista do *motu proprio* e o tratamento dos gêneros sacros como expressividade estética. Mário Alexandre Dantas Barbosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro) oferece um panorama da música sacra em Belém do Pará no final do século XIX e da produção sacra do compositor paraense Otávio Meneleu Campos (1872-1927), que atuou em sua cidade natal no primeiro quartel do século XX.

Na seção Memória, a *RBM* presta homenagem ao crítico e historiador da música no Brasil, Eurico Nogueira França (1913-1992) pela pena de Vasco Mariz (Academia Brasileira de Música). A entrevista deste número, conduzida por Maria Alice Volpe, editora desta revista, está dedicada ao compositor Jorge Antunes, que completa 70 anos e reflete sobre sua trajetória musical e política.

No Arquivo de Música Brasileira, Roberto Macedo (Universidade Federal do Rio de Janeiro) apresenta um texto introdutório à edição musicológica do *Madrigal* para violino e orquestra, de Leopoldo Miguez preparada por André Cardoso (Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujos manuscritos hoje estão localizados no acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno.

Agradeço reiteradamente à equipe editorial da *RBM* pela dedicação a este projeto: Márcia Carnaval, Francisco Conte, Mônica Machado e Maria Celina Machado. Renovo os meus agradecimentos ao diretor da Escola de Música da UFRJ, André Cardoso, e ao coordenador do Programa de Pós-graduação em Música, Marcos Nogueira, pelo apoio e diálogo; e ainda aos colegas da Comissão Deliberativa e da Comissão Executiva da *RBM*: Marcelo Verzoni, Maria José Chevitarese, Pauxy Gentil Nunes e Thelma Sydenstricker Álvares. Agradeço também a todos os membros do Conselho Editorial e aos pareceristas *ad hoc*, pela competência e prontidão às nossas demandas.

Que este volume propicie ao leitor algumas possibilidades existenciais entre as dimensões sagrada e secular, amparado por um renovado encontro com a história musical e a crítica cultural.

Maria Alice Volpe  
Editora